



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

CRÔNICAS DE UM INTELLECTUAL EM COMBATE

Esmeralda Guimarães Meira
Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Brasil
Endereço eletrônico: esmelmaira@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

A paisagem humana do Brasil, crua na sua realidade burguesa, impiedosa e ilógica na sua desgraça proletária, deu-me a função social de intelectual de esquerda.

C. J. L., *Revista Cooperação*, 1945.

A epígrafe acima traz um depoimento do baiano Camillo de Jesus Lima, assumindo-se como um intelectual de esquerda. Mas antes de aceitar essa autodefinição, buscamos entender o conceito de intelectual a partir dos pressupostos gramscianos, para depois, poder inserir ou não o cronista no rol dos intelectuais.

O objetivo dessa comunicação é apresentar a posição assumida por esse escritor e destacar o meio no qual as suas ideias foram veiculadas, em um período historicamente conturbado, final da Segunda Guerra Mundial. As próprias condições históricas impulsionaram-no a fazer revisões de conceitos na busca de soluções para as mazelas sociais, motivaram sua criação literária e a crítica como forma de combate e enfatizou a valorização das diversas vozes que ecoam pelos quatro cantos do mundo.

As crônicas e críticas publicadas nos jornais serviam como instrumento de informação, mas, principalmente, para a formação de opinião dos leitores, uma vez que seus autores assumiam uma posição política, conforme observamos na apresentação que Camillo fez de si na epígrafe. Portanto, entendemos ser relevante para o momento atual, reavaliar o passado na construção de um presente menos temeroso, potencializando intervenções de todos os sujeitos na construção de um futuro possível.

Para desenvolver o discurso sobre o papel do intelectual em diálogo com o tema gerador desse colóquio, – utopia, distopia e luta de classes –, consultamos alguns estudos de Antônio Gramsci (1972); Karl Marx (1975); Walter Benjamin (1994); que subsidiaram a análise das contradições e tensões sociais evidenciadas nos textos do autor em foco e na sua prática como cronista e crítico do jornal *O Combate*, de Vitória da Conquista, na década de 40 do século XX.

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

METODOLOGIA

A perspectiva de análise desse estudo se alinha ao materialismo histórico dialético, entendendo ser este o percurso teórico-metodológico que responde às nossas expectativas do momento, assim como o foi para o sujeito de nossa pesquisa ao se debruçar sobre o método como forma para se compreender a realidade de seu tempo. Nesta apresentação, apenas para atender a uma questão metodológica, fizemos um recorte temporal: centramos o olhar na década de 40 do século XX, embora as produções de Camillo de Jesus Lima tenham ganhado repercussões em outros espaços, atingindo o tempo presente. Outro recorte refere-se aos textos: selecionamos crônicas do autor, publicadas no jornal *O Combate*, de Vitória da Conquista, como fontes históricas e documentais. Mas queremos deixar claro que a produção desse autor extrapola tais limites, dada a relevância literária, cultural e política que sua obra possui.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para Gramsci, todos os homens são intelectuais, mas “nem todos possuem na sociedade essa função de intelectuais” (GRAMSCI, 1972, p. 24). E o que nos parece, Camillo de Jesus Lima assume essa função, conforme pudemos observar em textos publicados e na sua *práxis*.

A premissa de Gramsci, ao afirmar que todos os homens são intelectuais, tem como base ontológica a condição humana: ser que se difere dos demais pela capacidade racional. Desde que o homem descobriu o trabalho, o fez não somente pela força corporal (nervo-muscular), mas também espiritual (intelectual-cerebral), na indissociabilidade do *homo faber* com o *homo sapiens*. (MARX, 1975, p. 202).

O estudo desenvolvido por Gramsci (1972, p.19) vai além de saber se há intelectuais e não-intelectuais. A questão que levanta em sua tese sobre a formação dos intelectuais é se eles formam “um grupo social autônomo e independente” ou se “todos os grupos sociais têm as suas próprias categorias de intelectuais especializados”. Historicamente existem diversas categorias de intelectuais, destacando entre elas duas formas que Gramsci considerou mais importantes, os que denominou “intelectuais orgânicos” e os “intelectuais tradicionais”. Chamou de intelectuais tradicionais aqueles

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

que advêm de uma estrutura a eles anterior, e que tem como objetivo dar continuidade a esta formação, independentemente das transformações sociais e políticas pelas quais passou a história, são aqueles que, mesmo perante as mudanças transcorridas na sociedade, mantêm as formas sociais e políticas precedentes. Destaca, entre estes, os eclesiásticos, que, por mais de um milênio (Idade Média), monopolizou a ideologia religiosa, a filosofia e as ciências da época, até o surgimento de outras categorias de intelectuais, como, por exemplo, a “aristocracia da toga”. (GRAMSCI, 1972, p.22). Se os escravos e servos eram responsáveis pelo trabalho manual, utilizando-se do esforço físico, à classe dominante estava delegada a atividade intelectual. Mas esse modelo de divisão do trabalho ganha nova concepção com a Revolução Industrial e o desenvolvimento de produção capitalista. O conceito de intelectual se amplia para atender a novas e diferentes demandas produtivas. Criam-se diferentes grupos de intelectuais ligados aos campos de trabalho, conforme a exigência do mercado. Os técnicos e especialistas vão subsidiar os grandes empresários que tinham o conhecimento do todo que estava sob o seu comando, constituindo, portanto, o que Gramsci chamou de “intelectuais orgânicos”. Mas estes novos intelectuais continuam atendendo à parcela dominante da sociedade, num ritmo frenético de produção e reprodução do conhecimento. Isso não significa que a categoria dos intelectuais orgânicos não se forme também na classe operária. Emerge, historicamente, a necessidade de um novo tipo de intelectual, aquele que “renova perpetuamente o mundo físico e social, se converta no fundamento de uma nova e integral concepção do mundo”. (GRAMSCI, 1972, p. 25). Este princípio baliza a inserção de Camillo de Jesus Lima como um intelectual orgânico de novo tipo, aquele que desenvolveu bases necessárias de atuação conforme as suas condições objetivas, sendo crítico e cronista de jornais e autor de expressiva produção literária, diretamente ligada à sua *práxis* social. Como intelectual de esquerda concentrava, em sua vida prática, características necessárias para uma formação dirigente: construtor, organizador e persuasor constante, agregou em si o especialista e o político.

Em entrevista concedida, em 1945, à revista *Cooperação*, Camillo de Jesus Lima fala da sua trajetória literária e a que tendência estivera ligado: “Deixei de ser um místico da beleza e fiz da arte uma arma de combate. (LIMA, nov. de 1945, s. n.). Este lugar em que Camillo de Jesus Lima se coloca corresponde ao que Walter Benjamin (1994, p.121)

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

destaca da relação entre qualidade da produção literária e a tendência. Ou seja, a que ou a quem serve o autor em suas atividades. Se o escritor está a serviço da burguesia, há que se admitir um posicionamento de manutenção de uma ordem sem questionamento crítico, uma arte para a mera diversão. Mas, ao se tratar de um escritor progressista, a sua produção está a serviço da luta de classe, colocando-se do lado do proletariado. Desta forma, a questão acerca de como se situa uma obra de arte/literária dentro das relações de produção, se reacionária ou se revolucionária, depende da relação dialética e concreta que seus autores têm com a sociedade e com os ideais que ela defende.

Quanto à produção de Camillo podemos afirmar que, se muitos dos seus textos ficaram compondo o cenário de suas gavetas e das suas lembranças, conforme confessara na entrevista à *Cooperação*, “recusados pelos jornais, naqueles tempos trágicos de 1935 a 1945.” (LIMA, nov. de 1945), não se pode dizer o mesmo do jornal *O Combate*. Dessa leva de textos cerceados, entre as décadas de 1930 e 1940, muitos foram publicados em *O Combate*, onde pode expor a sua produção crítica sobre história, arte e política. Quem acompanhou as crônicas de Camillo de Jesus Lima no semanário conquistense pôde compreender por quais searas o autor andou. Relacionava os fatos cotidianos e locais ao contexto histórico universal, referenciado pela totalidade.

Das crônicas analisadas, “Os empreiteiros da fome”, de 7 de março de 1947, “O capital industrial e a abolição da escravidão”, de 24 de maio de 1947, e “O analfabetismo é filho da miséria”, de 21 de junho de 1947, podemos destacar as seguintes teses levantadas pelo escritor: a miséria gera o analfabetismo; a fome chega via escravidão; a exploração do homem pelo homem sustenta o capitalismo.

Ao que nos parece, os destaques colocados por Camillo, ao tratar de questões de ordem cultural, social, política e econômica, analisadas de formas indissociáveis, tendo como base o contexto histórico e, como dinamismo, a possibilidade de um mundo mais justo, alimenta uma utopia: de que haja um tempo sem escravo e sem senhor, sem explorados e sem exploradores, sem empregado e sem patrão. Esta visível esperança na obra camilliana, infelizmente, tem estado cada vez mais longe de sua concretização, tendo em vista a grande onda fascista que se ergue nos dias atuais em todo o mundo e tão perto de nós.

E, conforme bem destacou Camillo, a literatura não pode fugir da realidade de seu

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

tempo, nem o escritor de sua responsabilidade crítica e participação social. Estamos convencidas de que em uma sociedade capitalista, haverá sempre campos antagônicos, e em cada um desses campos, homens em luta e a serviço de uma determinada ordem, seja a serviço da burguesia ou do proletariado.

CONCLUSÃO

Camillo de Jesus Lima foi capaz de demarcar o seu lugar na história, contribuindo, significativamente, com o panorama literário e político de seu tempo. E a sua voz ainda ecoa por aí, quando o vemos chamar, instigando, por meio da palavra, tantos de nós a seguir avante, acreditando em possíveis utopias. Se contribuiu com a comunidade com a qual compartilhava seus posicionamentos críticos, publicando suas crônicas no jornal *O Combate*, de Vitória da Conquista, na década de 1940 do século XX, atualmente, na segunda década do século XXI, seu canto ainda reverbera altivo e atual. Faz um apelo à liberdade, ao pão, ao trabalho, à justiça, à igualdade. É um eco de resistência, combatente, pronto para a luta.

PALAVRAS-CHAVE: Camillo de Jesus Lima; Intelectual; O Combate; Crônicas.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. (Obras Escolhidas, v. I). Tradução Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

GRAMSCI, Antônio. **A formação do Intelectuais.** Tradução Serafim Ferreira, Coleção 70, Venda Nova/ Amadora: M. Rodrigues Xavier/ Ed. Grijalbo, 1972.

LIMA, Camillo de Jesus. Camillo de Jesus Lima: depoimento [novembro, 1945] **Revista Cooperação.** Itabuna/BA, 1945. Entrevista concedida a José Leite.

_____. Os empreiteiros da fome. **O Combate**, 7 de março de 1947.

_____. O capital industrial e a abolição da escravidão. **O Combate**, 24 de maio de 1947.

_____. O analfabetismo é filho da miséria”. **O Combate**, 21 de jun. de 1947

MARX, Karl. **O Capital**, 3ª edição, Livro I, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.